

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

LETÍCIA GOMES FARIAS

**MEMES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: A IRREVERÊNCIA E A
CRITICIDADE DAS REDES SOCIAIS NA SALA DE AULA**

**Porto Alegre
2018**

LETÍCIA GOMES FARIAS

**MEMES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: A IRREVERÊNCIA E A
CRITICIDADE DAS REDES SOCIAIS NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Mônica Ribeiro de Araújo

**Porto Alegre
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a meus alunos da EJA que a cada dia me oferecem oportunidades de me tornar uma professora mais eficiente e uma pessoa melhor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista frontal da EMEF Deputado Victor Issler onde foi realizada a pesquisa.....	08
Figura 2: Print da Rede Social Classmates.....	16
Figura 3: Meme utilizado na primeira aula para exemplificar a relação imagem/texto.....	26
Figura 4: Meme utilizado na primeira aula para exemplificar uma crítica social.....	27
Figura 5: Meme utilizado na primeira aula para exemplificar uma crítica a atual sociedade digital.....	27
Figura 6: Proposta de <i>meme</i> criado pelo grupo 1.....	31
Figura 7: Proposta de <i>meme</i> criado pelo grupo 2.....	32
Figura 8: Proposta de <i>meme</i> criado pelo grupo 3.....	33
Figura 9: Proposta de <i>meme</i> criado pelo grupo 4.....	34
Figura 10: Proposta de <i>meme</i> criado pelo grupo 5.....	34
Figura 11: Proposta de <i>meme</i> fotográfico produzido pela turma durante a primeira aula do projeto.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alunos X local de acesso a Internet. Dados do questionário de pesquisa.....	21
Tabela 2: Alunos X local de acesso a Internet (pesquisa nacional) CGI br/NIC.br.....	22
Tabela 3: Alunos X preferência de conteúdo visualizado/compartilhado na Internet. Dados dos questionários de pesquisa.....	24

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Alunos X finalidades de uso da Internet. Dados do questionário da pesquisa.....23

SUMÁRIO

1.Introdução.....	04
1.1 Problema.....	08
1.2 Justificativa.....	09
1.3 Objetivos.....	10
1.4 Procedimentos metodológicos.....	11
1.5 Organização do trabalho.....	15
2.Educação, EJA e tecnologias educacionais	
2.1 A EJA : Histórico.....	16
2.2 Periferia, acesso e o uso de tecnologias de informação e comunicação.....	19
2.3 Redes sociais e <i>memes</i> : Conceito e Origem.....	21
2.4 Outras experiências educacionais com <i>memes</i> como ferramenta pedagógica.....	24
3. <i>Memés</i> como ferramenta pedagógica: Análise de dados	
3.1 Dados do questionário.....	26
3.2 O uso de <i>memés</i> como ferramenta Pedagógica na EJA.....	30
3.3 Aprendizagem e a avaliação em uma aula sobre <i>memés</i>	34
3.4 Memés oportunidades e limites: A motivação e disciplina em sala de aula.....	39
Considerações finais.....	40
Referências.....	41

1 INTRODUÇÃO

Um novo século chegou trazendo muitas novidades e amplificando em todos a sensação de que as certezas se dissolveram, como diria Bauman (2001) na ‘Modernidade líquida’. Desviando da náusea causada por esses tempos vertiginosos, segue-se a busca por lastros que amparem e ajudem a navegar nesses oceanos de novos saberes, novas tecnologias, novas concepções e novas metodologias onde apenas uma coisa é certa: A tecnologia já estabeleceu na Humanidade sua dependência.

Em poucas décadas, o analógico virou o digital, os *bits* viraram os *bites*, *mega bites* e já é difícil acompanhar os mais atuais avanços das áreas tecnológicas. Como consequência disso, já existem poucos aspectos em nossa cultura livres da influência da tecnologia. A maneira como o ser humano vê e integra o mundo se alterou em resposta a cada salto tecnológico que deixa para trás o que ontem era a última moda, trazendo algo que amanhã será indispensável, sendo que depois de amanhã poderá já estar esquecido.

Nesse ritmo alucinante, a forma como se estabelecem as relações humanas também se alteraram e as formas de estabelecer vínculos sociais se moldam diariamente. As redes sociais alteraram a percepção de relacionamento e estabelecendo novas conexões entre os seres humanos, com novas regras e uma característica ímpar: a democratização da expressão e o estímulo à autoria.

Expressar a sua opinião e ser ouvido por milhares de pessoas era um privilégio para pouquíssimos seres e atualmente é algo que pode ser feito várias vezes ao dia, em locais virtuais como: *Faceboock*, *Twitwer*, *Instagran*, *blogs* pessoais, entre outros. Dia após dia muitas dessas expressões ‘viralizam’, ou seja, tornam-se incrivelmente populares em um curtíssimo espaço de tempo. *Posts*, vídeos, imagens, viram milhares de *memes*.

Recebem o nome de *meme* as postagens que são replicadas por milhares de pessoas. Em geral *memes* são irônicos, debochados ou engraçados. Normalmente tem o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade, ou fazer críticas a costumes e atitudes, ou mesmo as questões do cotidiano. Após serem visualizadas, replicadas e reinterpretadas milhares de vezes, nasce um *meme*. Ou seja, *memes* podem surgir com diferentes roupagens: podem ser vídeos (ou *gif* animadas), tirinhas, foto sequência, pequenos textos cômicos, ou mesmo frases tendo na grande maioria das vezes autoria indeterminada.

Essa nova era de linguagem e expressão beneficia a todos, mas tem agradado muito a juventude. A geração que já nasceu com celulares ou *tabletes* a disposição dedica grande parte do seu tempo para a apreciação, compartilhamento e produção desse tipo de conteúdo virtual e muitas vezes não se desconectam nem mesmo quando estão na escola. Milhares são as técnicas usadas para esconder, camuflar ou disfarçar o celular ou o fone de ouvido para que possam ser usados durante as aulas a despeito da vontade do professor.

Dentro de um sistema escolar que ainda parece perplexo e inadaptado as mudanças tecnológicas os alunos conectados podem causar grandes problemas. Placas proibindo o uso dos celulares, ameaças e muitos aparelhos recolhidos mostram que a escola pretende lidar com essa nova realidade negando aos jovens o acesso.

Mas e se essa nova a esta nova forma de se expressar ganhasse uma chance como ferramenta pedagógica? Essa pergunta aponta um oceano pouco explorado de possibilidades pedagógicas que poderiam motivar e atrair o interesse daqueles alunos que a tempos já desistiram da escola e apenas vegetam nas salas de aula a espera do sinal do recreio, ou da saída, horários em que conseguem voltar para as atividades que realmente lhes agradam.

Muitas dúvidas antecedem a decisão de iniciar um projeto que envolva mídias e superar o medo da mudança só é fácil para aqueles críticos da escola que jamais enfrentaram uma turma de 6 ano no último período de sexta-feira.

As necessidades de mudanças empurram escola e professores para um precipício pois integrar-se a esta nova era requer algo mais que vontade e coragem, requer acesso a tecnologias. Sim, estas máquinas que se espalham por todo cotidiano desde as roletas dos ônibus, até as agendas eletrônicas que nos celulares avisam hora de todos os compromisso, ainda não estão em todas as escolas e passam longe das escolas públicas da periferia.

Na periferia onde as chamadas feitas em cadernos ainda tomam mais de 10 minutos da aula e desgastam diariamente as cordas vocais de professores; onde a contagem das faltas se faz mês a mês, quadradinho por quadradinho, F por F; na periferia onde as imagens ainda são apresentadas em livros, revistas e jornais pois a lousa digital é uma utopia, decidir criar um projeto que envolva mídias digitais é mais do que inovação

pedagógica é se expor à frustração e às críticas daqueles que jamais tentaram e jamais tentarão.

A grande maioria das escolas públicas não tem *WIFI*, nem mesmo para facilitar o planejamento de professores. A burocracia consome um tempo enorme em tarefas ineficientes e cansativas. Nesse contexto, como pode parecer atrativo pensar em romper o sistema e qualificar as aulas?

Apenas ao voltar os olhos para os alunos desmotivados, desinteressados, apáticos, que vegetam nas salas de aula e para o abismo que se amplia diariamente entre alunos e professores chegando até casos de violência, pode-se compreender o quanto mudanças são necessárias e urgentes.

Mesmo que estes exercícios, de afastamentos e aproximações das realidades que vivemos, ampliem a chamada náusea da modernidade, se fazem indispensáveis para dar conta da análise de conjunturas opostas: uma escola rígida, fria e estática em contraponto a alunos “líquidos” mutáveis, mutantes, digitais e conectados.

Neste sentido, este trabalho apresenta considerações sobre alguns elementos que norteiam a utilização de mídias e tecnologias em sala de aula, sendo foco principal a produção de *memes*.

O objetivo é analisar seu impacto no contexto geral da aula, na motivação dos alunos e em sua capacidade de interagir com os conteúdos atuais demonstrando senso crítico e autonomia. O trabalho tenciona investigar a aplicabilidade deste gênero textual no campo educacional, como uma ferramenta pedagógica para ampliar aprendizagens dos alunos, tecendo relações com temáticas do cotidiano escolar como a motivação dos estudantes, a disciplina em sala de aula.

Para isso, será analisado de forma descritiva, através de uma Pesquisa-ação três aulas da disciplina de Arte Educação com a turma T51 da modalidade EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Victor Issler, com a temática: construção de *memes* e o senso crítico nas imagens. As aulas foram ministradas aos 30 alunos frequentantes da turma no mês de outubro de 2018.

As análises serão constituídas fontes primárias (os registros das aulas, da produção dos alunos e suas avaliações sobre o projeto) e fontes secundárias de referencial teórico posteriormente descrito. Os resultados serão tratados a partir de análises

qualitativas, produzindo conceitos e ideias a respeito da interação das variáveis estudadas.

1.1 Problema

É nítido aos olhos que estamos vivendo tempos de transformação. Após décadas de evolução com a Ciência imperando chegamos a avanços significativos principalmente no que tange à tecnologia. Porém estes avanços não foram capazes de solucionar os problemas sociais. A desigualdade gera milhares de problemas sociais que em comum alteram os horizontes desse novo mundo. Aqueles que buscam a solucionar ou abrandar essa situação normalmente apontam a educação como um caminho para diminuir os abismos sociais e do conhecimento.

A educação no âmbito geral é vista como um dos poucos caminhos seguros e indispensáveis para o combate aos males sociais do mundo. Nesse sentido torna-se preponderante investir na potencialização das capacidades da escola e do ensino, vencendo o medo das mudanças, integrando a tecnologia na busca por novas metodologias que qualifiquem a formação dos alunos.

Este trabalho apresenta considerações sobre alguns elementos que norteiam a utilização de mídias e tecnologias em sala de aula, sendo foco principal a produção de *memes*. Tendo com objetivo analisar alterações no contexto geral da aula, na motivação dos alunos e em sua capacidade de interagir com os conteúdos do currículo escolar, demonstrando senso crítico e autonomia. O trabalho se propõe a responder a seguinte questão:

Quais os efeitos práticos da utilização de *memes* de internet como ferramenta pedagógica para o ensino de jovens e adultos?

Mas qual a necessidade de ressaltar o público alvo? A compreensão de que cada público com suas particularidades e singularidades merece planejamentos que visem ampliar e favorecer suas potencialidades. As potências da EJA afetaram a dinâmica deste trabalho, positivamente ou negativamente, pois a Educação de Jovens e Adultos nunca é neutra.

Por esta razão o campo de localização do estudo tem extrema visibilidade neste trabalho: uma análise da EJA, em qualquer aspecto, reflete as problemáticas sociais relacionadas a formação de jovens e adultos.

1.2 Justificativa:

É surpreendente como o uso das tecnologias parece natural as novas gerações. Bebês com meses de vida já podem ser observados buscando interagir com as imagens em telas. O ato que se origina da observação dos adultos que o cercam é apenas um pequeno indicador do que nos espera no ambiente escolar quando recepirmos este público.

Essas crianças, nascidas e criadas com a interatividade, não aceitam facilmente o ambiente de quadro, giz, silêncio e tarefas pré estabelecidas. O choque de deixar um ambiente digital, com alto grau de estímulo e altas possibilidades de interação para ser integrado a um ambiente estático, lento, silencioso do qual serás apenas um espectador, pode ser comparado ao impacto de se ver de uma hora para outra trancado em uma bolha assistindo filmes mudos da década de 20. Não é à toa que várias crianças demonstram considerar “vida” apenas os momentos fora da escola, como se em sala de aula estivessem presas em um estágio, algum tipo de hibernação a qual precisassem se submeter.

Esse desconforto há muito afeta os professores, que percebem suas estratégias de aula desmoronarem diante de classes de alunos que parecem não achar nada atrativo. As mais interessadas tentativas de integrar o lúdico, oferecendo algo de novo e motivador fracassam e o abismo entre professores e alunos só aumenta pela necessidade dos educadores de oferecer aos alunos a sua narrativa, ou como afirma Paulo Freire:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação dessa educação... Nela, o educador “enche” os educandos com os conteúdos de sua narração... A palavra, nessas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em verbosidade alienada e alienante.(FREIRE, 2007 p.80)

Mesmo quando buscam uma metodologia que agrade aos alunos os professores partem do que em sua concepção seria instigante, agradável, interessante.

Como resultado o que vemos na maioria das vezes é a reprodução do estático mundo escolar, enfeitado com EVA¹.

A busca por metodologias que abram caminho para a aprendizagem deste novo público precisa inicialmente compreender suas particularidades e, ainda parafraseando Freire, estar pronto a trazer sua realidade para dentro da sala de aula.

Nesse sentido, urge a necessidade de pesquisar novas estratégias e metodologias de ensino, capazes de afetar a este público, nascido na cultura digital, promovendo aprendizagens significativas garantindo assim o cumprimento do papel da escola na sociedade.

Os *memes* guardam em sua essência a capacidade crítica da sociedade que após enxergar o mundo pelas redes, resolveu expressar opiniões sobre ele. Representam assim uma excelente oportunidade de trabalhar a autonomia expressa por Freire:

Minha responsabilidade ética e política não me permite vacilar ante ao cinismo de quem diz “as coisas são assim, por que não podem ser de outra maneira”. Se acomodado a mentira da frase trairia os desesperados do mundo... (FREIRE, 2000 p.83).

1.3 Objetivos:

Os objetivos da pesquisa estão aqui subdivididos em objetivos gerais e objetivos específicos, para abranger os aspectos no sentido mais amplo e ainda para detalhar as ações que serão trabalhadas neste estudo de caso.

Objetivo geral

Relatar a utilização de *memes* como ferramenta pedagógica investigando sua aplicabilidade no campo educacional para ampliar aprendizagens na Educação de Jovens e Adultos.

Objetivos específicos

1. Citar as mudanças ocorridas na motivação e na disciplina dos alunos em aula com o uso desta nova opção metodológica.

¹Produtos etil, vinil e acetato quando misturados em um processo de alta tecnologia produzem placas

2. Perceber como o uso de *memes* como ferramenta pedagógica interfere na compreensão dos conteúdos por pelos alunos.

1.4 Procedimentos Metodológicos:

Visando responder aos questionamentos anteriormente apontados foram observadas três aulas da disciplina de arte educação na turma T51 da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Victor Issler onde foi desenvolvido o projeto de ensino-aprendizagem: “ A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens”.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Victor Issler é uma escola de porte G com 3 turnos de atuação que oferece aos seus alunos Ensino Fundamental Completo e Educação de Jovens e Adultos. Localiza-se na região periférica da cidade de Porto Alegre, mais especificamente na zona Norte , próxima a Av. Manuel Elias e a Av. Protásio Alves. Esta é uma região histórica de realocações sociais, despejos e invasões e por isso tem sua comunidade formada por uma diversidade de vilas e ocupações. Entre estas estão: a vila Nova Chocolate, a Invasão do Hospital, e a Vila Safira e a Chácara da Fumaça, uma das mais antigas. O bairro Mário Quintana dá nome a todas essas comunidades, unificando-as em um território misto e compartilhado, reconhecido como um dos mais violentos da cidade, possuidor de um dos mais baixos IDH e com maior população afro descendente do município.

A estrutura da escola comporta o atendimento de 1269 alunos, 89 professores em 37 salas de aula. Possui um Ginásio, 2 quadras de esportes, 2 praças, um auditório, uma biblioteca e um refeitório e um laboratório de informática com 18 computadores em funcionamento possibilitando o acesso a internet.

A utilização das estruturas físicas é feita de acordo com a organização das áreas de conhecimento e dos anos ciclos que as aproveitam. O pátio, ginásio, as quadras, salas de dança são preferencialmente utilizadas pelos professores de educação física. Já os equipamentos eletrônicos são disponibilizados por adesão. Os professores interessados em utilizá-los solicitam um horário com a direção que organiza a tabela de organização dos espaços. Essa organização não garante a todas as turmas o direito de uso, apenas as

turmas com professores interessados em trabalhar com os equipamentos da escola têm acesso a estes, o que causa bastante descontentamento entre os alunos.

O turno da noite abriga exclusivamente a Educação de Jovens e Adultos, ofertando a possibilidade de conclusão do ensino fundamental a 243 pessoas distribuídas em 9 turmas atendidas regularmente de segunda a quinta-feira.

Figura 1– Vista frontal da EMEF Deputado Victor Issler



Fonte: < <https://bancoimagemens.portoalegre.rs.gov.br/imagem/12463> >. Acesso em :14/12/2019.

O período de levantamento de dados foi de 3 semanas, onde foram analisadas de forma qualitativa as variáveis que descrevem como a metodologia baseada no uso e criação de *memes* da internet pode afetar a aula.

Foram alvo de avaliação deste estudo 3 aulas da disciplina de Arte Educação com a turma T51 da modalidade EJA onde estudam. Às aulas tem cerca de 25 alunos com idades variando entre 15 e 54 anos.

O trabalho foi organizado metodologicamente como uma Pesquisa-ação que pode ser descrita como:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas. (TRIPP, 2005 p.3)

Mesmo que a pesquisa-ação pareça ser uma mistura da pesquisa com a prática, estas estão claramente distintas. A pesquisa-ação se desmenbra em sofisticadas ramificações, como nos mostra Tripp (TRIPP, 2005 p.3 apud Elliott; Adleman, 1976; Elliott, 1991) : “Stephen Corey defendia, nos EUA, uma forma vigorosamente técnica e duas outras tendências principais são uma forma britânica, mais orientada para o desenvolvimento do julgamento profissional do professor e uma variedade na Austrália de orientação emancipatória e de crítica social.

Como pesquisa, a pesquisa-ação se diferencia da pesquisa científica tradicional pois a pesquisa ação ao mesmo tempo que investiga, altera o resultado da investigação e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. A pesquisa-ação requer ações tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa e por isso terá característica das duas.

Outro desafio de um processo de pesquisa-ação está em estabelecer a neutralidade do pesquisador. Sendo este o professor, ator e partícipe da ação investigada, um ato de suspeição se insurge de pronto, aos olhos racionais da pesquisa científica tradicional. Morin nos apresenta interessante caminho para legitimar a ação de professores-pesquisadores quando diz que:

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instancia lógica e a instancia empírica; é fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. O racionalismo que ignora os seres a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade reconhece os limites da lógica do determinismo e do mecanismo, sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta o mistério. (MORIN, 2002 p.23).

Para as análises dos dados obtidos nas observações das aulas, foram usadas fontes primárias (os registros das aulas, da produção dos alunos e suas avaliações sobre o projeto) e fontes secundárias de referencial teórico posteriormente descrito.

Os resultados serão tratados a partir de análises qualitativas, produzindo conceitos e ideias a respeito da interação das variáveis estudadas.

Dados coletados nas aulas do projeto “ A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens”:

- Observação da aula dada aos alunos da turma T51 ;
- Avaliação qualitativa do Diário de bordo produzido pela professora
- Análise quantitativa sobre o questionário aplicado aos alunos;
- Análise qualitativa da produção dos alunos em aula.

Passos do projeto “ A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens”:

- Coleta de dados sobre o uso de *Internet* e Redes Sociais pela turma (questionário)
- Apresentação teórica sobre Internet, Redes Sociais em *Memes*. Apanhamento histórico.
- Discussão sobre as possibilidades de aprendizagem na *Internet*
- Como e por quê criar Memes? Discussão e apresentação da 1 atividade: Planejamento dos memes a serem criados: Decidir temática, público alvo, motivação para criar.
- Compartilhamos o que nos toca, o que nos afeta mas podemos também ser produtores desses materiais. Apresentação da 2º atividade: Criar *Memes* com fotografias (atividade em grandes grupos)
- Aprendizagens na Internet: “Ser autor na Internet”. Apresentação da 3º atividade: Criar Memes no Laboratório de Informática da Escola utilizando o programa *MemeMaker*.

1.5 Organização do trabalho

O trabalho está organizado em três capítulos. A introdução que trata do problema, da justificativa e dos objetivos da pesquisa; do segundo capítulo, denominado ‘Educação, EJA e tecnologias educacionais’, que discorre de maneira breve sobre a evolução da

Educação de Jovens e Adultos, o uso e acesso à tecnologia e a origem e história dos *memes* nas mídias sociais. O terceiro capítulo, intitulado *Memés* como ferramenta pedagógica: análise de dados, como o nome já sinaliza, traz a pesquisa realizada. As considerações finais incluem as respostas às questões motivadoras da pesquisa. Por fim, são listadas as referências.

2.Educação de Jovens e Adultos e as Tecnologias educacionais

2.1Histórico da Educação de Jovens e Adultos

Na História da Educação brasileira as políticas educacionais tinham majoritariamente como alvo as crianças. Sendo os Jesuítas os primeiros a se interessarem pela educação de adultos, sendo estes indígenas que passaram por intensa ação cultural e educacional. Após a saída da Companhia Missionária de Jesus do Brasil em 1759, a educação de adultos fica à mercê do pouco interesse do Império. As aulas Régias (latim, grego, filosofia e retórica), destinadas aos filhos dos colonizadores traçaram com exatidão o perfil da população atendida pela educação brasileira da época: A elite branca e masculina.

A constituição brasileira de 1824 tenta ampliar o acesso à educação garantindo a todos os cidadãos a educação primária, porém essa lei não foi realmente implantada e foi apenas em 1834 que uma nova legislação passa a responsabilidade pela educação primária e secundária para as províncias priorizando educação de jovens e adultos. Porém a educação de jovens e adultos não era vista como uma responsabilidade do Estado e sim como um ato de caridade, um ato de solidariedade.

O grande preconceito em relação à pessoa analfabeta só se ampliou nos períodos posteriores. Estas passaram a ser vistas como dependentes e incompetentes. Infantilizadas e desmerecidas perderam o direito ao voto e passaram a ser excluídas como cidadãos de segunda classe.

No início do século XX começa grande mobilização social na tentativa de reduzir o analfabetismo que passou a ser visto como um dos culpados pela situação de subdesenvolvimento do Brasil. Este pensamento amplia ainda mais a exclusão dos não-alfabetizados na Sociedade, pois estes eram culpabilizados por sua situação e pela situação do país.

Na década de 20, o Brasil alcança a impressionante marca de 72% de analfabetos. Em meio as mudanças advindas de uma crise econômicas causada pela perda de influência da elite cafeeira vemos surgir as primeiras mudanças na Educação. Chegam ao Brasil, nesse momento de ascensão de uma burguesia urbana os ideais da

Escola Nova, movimento educacional norte-americano que propunha uma nova visão das necessidades da infância e questionava sobre a passividade imposta às crianças nas escolas tradicionais. Em 1934 é lançado o Plano Nacional de Educação que determinava o ensino primário integral obrigatório e gratuito que também era estendido as pessoas adultas. Esta foi a primeira política educacional brasileira destinada a adultos, mas a partir da década de 40 que a educação de jovens e adultos se torna uma prioridade educacional do país. Em 1946 é promulgada a Lei Orgânica do Ensino Primário que já previa o ensino Supletivo, mas foi em 1947 que entra em operação o programa de âmbito nacional para atender exclusivamente pessoas adultas, o Serviço de Educação de Adultos (SEA).

Este programa que durou até a década de 50 foi a primeira campanha nacional de alfabetização de jovens e adultos, porém tinha uma metodologia de ensino bastante discutível. Era baseado em guias de leituras com frases e textos sobre saúde trabalho e normas comportamentais. O material era utilizado em todo país sem a preocupar com a inserção das realidades regionais ou da cultura do aluno.

A busca do governo pela alfabetização de massas foi resultado da pressão exterior pela redução do analfabetismo nos países ditos “atrasados”. Nesse sentido a intensão era de formar quantidades sem grande preocupação com a qualidade da formação oferecida. Por este motivo os professores da educação de adultos não precisavam ter formação específica, eram voluntários convencidos de que alfabetizar adultos era mais fácil do que crianças. Foi apenas em 1958, quando da realização do I Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro que os estereótipos a respeito da educação de jovens e adultos passaram a ser questionados. Os educadores revelam a necessidade de romper com os preconceitos contra as pessoas não alfabetizadas e de criar metodologias específicas para a educação de adultos. Paulo Freire lança as bases da pedagogia que iria pensar na educação com as pessoas ao invés da educação para as pessoas. Passa-se a problematizar a miséria e as desigualdades em que vivia a pessoa não alfabetizada ao invés de sua responsabilidade por sua situação.

Em consequência às deliberações do Congresso foi lançado em Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo com a proposta de criar projetos-pólos que trouxessem atividades que integrassem a realidade de cada município e que servissem de modelo para uma futura expansão do projeto pelo país. Infelizmente o projeto teve poucas diferenças das campanhas anteriores.

O final da década de 50 e início da década de 60 vem fortemente marcado pela pedagogia freiriana trazendo uma forte mobilização pela educação de jovens e adultos. Com a pressão dos movimentos populares de alfabetização, o governo encerra sua Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo e Paulo Freire é indicado para elaborar o novo Plano Nacional de Alfabetização junto ao Ministério da Educação. Em 1964 o golpe militar interrompe o andamento do plano.

Com o militarismo todos os avanços conquistados retrocedem. Os programas que visavam a partir da educação reduzir as desigualdades sociais são interrompidos, seus materiais retidos e destruídos e as pessoas responsáveis exiladas. O Brasil volta as metodologias educacionais homogêneas que buscam apenas desenvolver a habilidade para ler e escrever, sem que se conquiste a compreensão contextualizada dos signos. Em 1967 o governo militar apresenta o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Esse novo modelo também ressuscita a culpabilização do não alfabetizado por sua situação e pela situação de atraso do país. Com a chegada da Nova República em 1985 o Mobral é extinto sobre denúncias de desvio de verbas.

A constituição de 1988, já explicita direitos legais dos cidadãos não alfabetizados na idade ideal: O artigo I do inciso 8 indica o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurando inclusive a sua oferta gratuita a todos que não tiveram acesso na idade própria. Assim sendo em 1 de Julho de 2000 a resolução CNB/CNB N°1 (BRASIL, 2000) constituiu a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino.

Esta resolução nos relata entre outras coisas as funções sociais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), citando por exemplo o ressarcimento dado a um público com quem a educação regular falhou.

Outros programas alfabetizadores foram criados após a extinção do Mobral, como a Fundação Educar, ligada diretamente ao Ministério da Educação e que foi extinta no Governo Collor, sem que nenhum outro programa seja colocado em seu lugar. Nesse momento o governo federal passa a se afastar dos projetos de alfabetização e a responsabilidade é transferida para o âmbito municipal. A Educação de Jovens e Adultos passou a sendo ofertada regularmente, não apenas com a finalidade alfabetizadora, mas também com o objetivo de aceleração dos estudos regulares daqueles que possuem distorção idade-série e este foi o começo de uma grande mudança pois os programas de

erradicação do analfabetismo atraíam um público variado, mas majoritariamente adulto, por vezes idosas.

A EJA como modalidade regular passou lentamente a atrair um público diferenciado do público dos programas de alfabetização. Alunos cada vez mais jovens foram assumindo as turmas de aceleração. São alunos que não encontram acolhimento a suas questões no ensino regular e assim acabam com alguma distorção idade/série. Buscando, entre outras coisas, a conclusão rápida dos estudos transferem-se para a EJA.

Nesse momento em que a pós modernidade amplia o choque entre a juventude e a escola, a EJA se apresenta como uma nova chance para os desgarrados do ensino regular. A mudança em seu público reflete as mudanças processo educacional brasileiro e revela uma realidade aterrorizante: A evasão escolar é quem preenche as vagas da EJA, com jovens e adolescentes originários do fracasso escolar da educação regular.

Esse novo contexto surge trazendo desafios antes impensados para a Educação de Jovens e Adultos: como proporcionar a estes jovens experiências educativas diferenciadas e significativas o bastante para que estes vençam as dificuldades de aprendizagem e superem todo contexto social de exclusão do qual fazem parte? A utilização de tecnologias de informação e comunicação na educação de jovens e adultos pode ser a resposta que buscamos.

2.2 Periferia, acesso e o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação

É impossível falar sobre periferia e tecnologias sem falar sobre exclusão pois a falta de acesso a tecnologias, a chamada exclusão digital, em muito intensificou os cenários mundiais de desigualdade.

Como exclusão digital nomeiam-se às consequências sociais, econômicas e culturais da distribuição desigual do acesso a computadores, *Internet* e produtos digitais. Em um mundo constantemente conectado esta falta gera uma série de dificuldades ao grupo sem acesso pois embora as Tecnologias de Informação e Comunicação demonstrem grandes possibilidades para reduzir a pobreza e as desigualdades, estas só se estabelecerão a partir de políticas que permitam a universalização do acesso. Enquanto isso não ocorre, a exclusão digital apresenta-se ao do século XXI como o analfabetismo

apresentava-se ao século XX, ou seja um nivelador de oportunidades. Como nos diz Sorj e Guedes:

A pobreza não é um fenômeno isolado. A maneira como ela é definida e percebida depende do nível de desenvolvimento cultural, tecnológico e político de cada sociedade. A introdução de novos produtos, que passam a ser indicativos de uma condição de vida "civilizada" (seja telefone, eletricidade, geladeira, rádio ou TV), aumenta o patamar abaixo do qual uma pessoa ou família é considerada pobre. Como o ciclo de acesso a novos produtos começa com os ricos e se estende aos pobres após um tempo mais ou menos longo (e que nem sempre se completa), há um aumento da desigualdade. Os ricos são os primeiros a usufruir as vantagens do uso e/ou domínio dos novos produtos no mercado de trabalho, enquanto a falta destes aumenta as desvantagens dos grupos excluídos. Em ambos os casos, os novos produtos TICs aumentam, em princípio, a pobreza e a exclusão digital. (SORJ e GUEDES, 2005 p. 2)

Este processo ainda é pouco contemplado com políticas públicas de combate pois pouco se fala sobre o quanto a tecnologia poderia melhorar a vida da população e dos mais pobres, ou seja a exclusão perpassa uma escolha política, onde se legitimam as relações de exploração entre os indivíduos.

Sendo assim pensar a inclusão digital com sentido político é pautar a ampliação das possibilidades de vida e de liberdades humanas, visto que esta traz consigo um grande potencial de construção de senso crítico e autonomia, permitindo ao educando a participar da compreensão e das transformações da sociedade.

Porém para este fim é preciso que a inclusão digital seja comprometida com emancipação através do senso crítico, caso contrário as armadilhas da rede mundial, podem desvirtuar todo o processo, pois um ser sem senso crítico a frente de uma rede mundial de informação, não tem as melhores ferramentas para selecionar as funcionalidades necessárias para a ampliação de suas capacidades e pode tornar-se há um apertador digital de botões. Ou seja, uma investida mecanicista e descomprometida com avanços sociais, abandonaria as pessoas à mercê de formas perversas e aprisionadoras de manipulação.

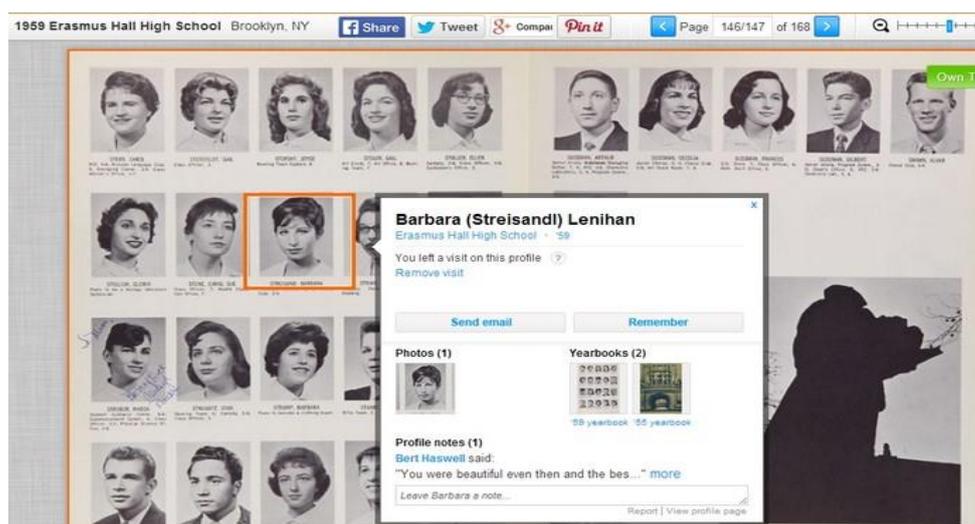
Nesse ponto se estabelece uma oportunidade chave para a educação como protagonista em processos de inclusão através da tecnologia, pois além do acesso TIC é indispensável que o educando seja capacitado ao uso destas na ampliação de suas potencialidades e no acesso a bens culturais.

2.3 Redes Sociais e memes: conceito e origem

A década de 90 nos premia com o surgimento da Internet. A rede, conhecida como *web 1.0*, caracterizada pela ideia de que as pessoas poderiam ter acesso a materiais disponibilizados, revoluciona o mundo e se espalha com rapidez não apenas pelos setores comerciais e administrativos, mas também por uma imensa comunidade doméstica. O “*personal computer (PC)*” torna-se um sonho de consumo mundial e proliferam-se as empresas de treinamento a utilização deste novo produto.

Após a Internet, a conexão entre as pessoas fica mais fácil e o aprimoramento desta tecnologia da informação enseja o surgimento em 1995, nos Estados Unidos, a primeira rede social. Chamada *Classmates* a rede criada por Randy Conrads, tinha como objetivo conectar estudantes com amigos da época escolar. O imediato sucesso desse empreendimento com o público faz a tecnologia em redes sociais avançar e nos anos seguintes são criadas dezenas de novas opções com diferentes funções.

Figura 2- Imagem da Rede Social *Classmates*



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/classmates-suposta-primeira-rede-social-do-mundo-se-mantem-ativa.html> Acessado em 15/01/2019

Em pouco tempo, as funcionalidades da *Web 1.0* acabam sendo superadas. Nasce, em 2004 a *Web 2.0* que, com a ideia de interação. A *Web 2.0*, transformou os indivíduos, de meros consumidores de informação, a autores de conteúdos ao permitir que estes colocassem *on-line* em rede suas criações permitindo uma total interação e colaboração com seus pares. Ainda, possibilitou o surgimento de diversos softwares e

ferramentas para trocas sociais interativas, como as redes sociais online, que têm possibilitado um enorme fluxo de comunicação instantânea entre pessoas das mais diversas nacionalidades. Os *blogs* inicializam esse processo, ao permitirem que os usuários postem seus próprios conteúdos e interajam com os seus leitores. Redes como *Facebook*, *Twitter*, *Myspace*, também se aprimoram e são acompanhadas pelas novas *Linked*, *Pinterst*, *Instagran* entre outras tantas a responder pela designação: Rede social.

Chama-se Rede Social o complexo de relações entre pessoas que fazem parte de um grupo com facilidade para a interação. As Redes Sociais passam a inter-relacionar empresas ou pessoas conectadas pelas mais diversas relações. Cada qual se relaciona de acordo com as suas preferências e particularidades. Trata-se de uma ligação social e conexão entre pessoas.

O fenômeno das redes sociais, expandiu-se com tamanha rapidez e força que logo passou a chamar a atenção no campo dos estudos educacionais, entre outras coisas pela grande democratização e compartilhamento das informações que estas proporcionam. Estudos antropológicos de sua representatividade diante de nossa sociedade, sua linguagem e dos subprodutos desenvolvidos por esta passaram a ser desenvolvidos pois já é impossível explicar a Sociedade atual, sem falar em redes Sociais.

Um dos produtos criados pela linguagem das redes sociais e fomentado por interatividade e democratização das produções, é o *meme*. O *meme* é uma mensagem na maioria das vezes debochada ou irônica que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que passa a ser imensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. O termo “*meme*” surgiu a partir do zoólogo Richard Dawkins que em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, o usou para fazer uma comparação com o conceito de gene. Para Dawkins, o *meme* é “uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação”, ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura. No final de 1990, esse conceito passa a ser adaptado as redes sociais e se referir aquela postagem que passa por replicação ou imitação de um usuário para outro, criando o conceito contemporâneo de *meme*.

O fenômeno dos *memes* tem encantado não apenas a juventude mas todos os usuários das redes sociais, basta perceber como a aproximação de um evento dispara uma onda de produção de *memes* sobre o tema. Esse compartilhar muitas vezes entrelaça não apenas as relações com o cotidiano, mas também as mais comuns emoções humanas pois

o usuário compartilha os *memes* com os quais se identifica. Compartilhar é como dizer: comigo também é assim, ou comigo isso também acontece.

Nessa partilha coletiva, milhões de aprendizagens são exercitadas ou mesmo desenvolvidas, visto que o cérebro não só compreende a mensagem recebida, como também a compara com suas vivências e experiências, tornando-a válida, ou não, para representá-lo. Souza e Schneider apontam para o valor da aprendizagem em rede quando afirma que:

[...]aprender é incorporar novas informações à rede semântica existente, conferindo-lhe significado”, alertando que nem sempre a aprendizagem vá ocorrer a partir de novas informações que se agregam como nós na rede do conhecimento teórico, mas afirma que aprender também parte da reformulação dessa rede, quando se corrigem os significados já existentes ou se agregam novas conexões entre os nós, a partir da interligação entre conceitos. (SOUZA e SCHNEIDER, 2013 p. 91)

A aprendizagem é a principal responsável pela vida pois é através dela que as pessoas se habilitam a toda complexa gama de atividades humanas. Por este motivo, o cérebro humano está preparado aprender constantemente e em todos ambientes que frequenta. Estas considerações, dão ao campo social, antes desprezado para a aprendizagem, significativa relevância. As aprendizagens informais constituem um campo muito atrativo, onde as instituições de ensino passam a buscar possibilidades novas possibilidades. É nesse ponto que as redes sociais e os aplicativos de recreação e interação da internet cruzam o caminho da educação. As inúmeras ferramentas criadas para este fim, podem ser utilizadas como ferramentas de aprendizagem e contribuindo assim para o ensino.

Com isso professores de diversas áreas, do Ensino Fundamental ao Superior, vêm desenvolvendo propostas de uso das TIC, pois as redes sociais possuem potencialidades que facilmente se adequam ao processo de ensino, constituindo-se em uma alternativa de fácil execução e, principalmente, porque professores e alunos a utilizam para fins pessoais e ainda podem estar em conexão constante, graças às tecnologias móveis.

No que tange a Educação de Jovens e Adultos, não se trata de eleger o melhor método para ensinar, mas de estruturar um projeto para aprender (HARA, 1992).

2.4 Outras experiências educacionais com *memes* como ferramenta pedagógica

A pesquisa educacional parece viver dias de empolgação com a interlocução entre educação e tecnologias. Experiências, estudos e pesquisas com o uso de redes sociais, internet e aplicativos específicos podem ser facilmente encontradas nos locais de pesquisas acadêmicos.

Andrade (2017), por exemplo, em seu trabalho “A construção do conhecimento histórico a partir da produção de *“memes”*”, relata como estabeleceu a relação entre o ensino de História e a linguagem dos *memes*. Com a intenção de tornar o ensino de tornar suas aulas mais significativas para uma geração constantemente conectada as redes, a professora buscou através do seu projeto discutir seus conteúdos programáticos do currículo escolar a partir da produção de *memes* por seus alunos. Além das aprendizagens ligadas aos conteúdos curriculares, cita entre seus objetivos a necessidade de estimular hábitos de leitura e pesquisa, necessários para o processo de construção dos *memes* na sua proposta e de encontrar uma forma de e construir o conhecimento histórico de forma dinâmica e interativa. O caminho para estas significativas construções passaria a construção do senso crítico da juventude.

A experiência de Lara Ferreira do Vale, traz para reflexão o *meme* como um gênero textual imagético, em uma abordagem interdisciplinar em sala de aula. A autora nos diz que:

Memes, como uma criação relativamente nova e engraçada, podem ser utilizados no cotidiano da sala de aula como uma forma de produção do conhecimento e análise crítica da nossa sociedade. Trabalhados também como gênero textual e aproximados dos gêneros como charge e cartum que, como o meme, utilizam-se do humor para comunicar uma mensagem de forma rápida, que pode ser ou não uma crítica ao estado atual da sociedade.. (VALE, MASSARUTO e ALAIMO, 2017 p.2)

Em seu trabalho a autora ressalta que, por ter um caráter intertextual e por serem entendidos por se fazer entender por diferentes grupos textuais, a linguagem dos *memes* se apresenta como uma excelente oportunidade para de trabalhos interdisciplinares na escola mostrando que o conhecimento não está aprisionado em diferentes “caixas” da grade curricular, mas sim disposto de forma complementar e interrelacionada.

Em seu trabalho ainda constata o indispensável intermédio de um professor capacitado para considerar o caráter dúbio do humor, garantindo as amplas significações porém mediando conflitos decorrentes de interpretações errôneas ou tendenciosas.

Polyana Rodrigues Pessoa Escalante(2016) em sua dissertação: O potencial comunicativo dos *memes*: formas de letramento na rede digital”, faz significativas reflexões sobre letramento a partir da perspectiva da linguagem dos *memes*.

Compreendendo o letramento como um processo mais amplo que a alfabetização, que envolveria mais do que um processo de decodificação de signos, mas um processo sócio-histórico de aquisição de um sistema de escrita, a autora nos mostra as possibilidades da Linguagem dos *memes* da internet em uma proposta educativa que vise a capacitação para os diferentes tipos de letramento que a internet propicia e nos revela que :

Isto é, criar/compartilhar *memes* pode ser considerado uma nova forma/habilidade de “ler e escrever”. Porém é importante frisar que nem todos os *memes* podem transmitir algum conhecimento àquele que o lê, pois é subjetiva a forma que cada um absorve conhecimento. (ESCALANTE, 2016 p. 62)

Pode-se notar que as experiências educacionais relatadas apresentam alguns pontos em comum, são unânimes em pontuar a importância de pensar práticas pedagógicas que integrem a tecnologia e as novas linguagens digitais, como forma de motivar os alunos para a aprendizagem e também para trazer a escola para realidade do século XXI.

Em outro ponto, observam a linguagem de *memes* como uma excelente ferramenta para trabalhar algo realmente indispensável: o senso crítico, sem o qual os alunos estariam a mercê de qualquer tentativa de cerceamento de visões ou mesmo manipulação explícitas.

Finalizando, apontam a urgente necessidade de enquadrar a escola no papel de fomentador de conhecimentos, através de propostas pedagógicas que estimulem a curiosidade, a pesquisa, a interatividade e a autonomia pois apenas assim poderia ser aquela escola que só existe para distribuir conteúdos.

3.Memes como ferramenta pedagógica: análise de dados

3.1 Dados do questionário

Sabendo que são muito mais efetivas as ações pedagógicas que levam em conta o que os alunos já conhecem sobre o assunto estudado, o projeto de ensino “A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens” que deu origem a pesquisa, iniciou a partir de um questionário semi-estruturado. O objetivo foi avaliar os níveis de acesso da turma a internet, redes sociais e ao laboratório de informática da escola. Dos 25 alunos da turma T51 que participaram das atividades do projeto, 20 responderam ao questionário de sondagem inicial, cujas perguntas foram:

1. Você possui acesso à *Internet*? Onde?
2. Para qual finalidade você costuma usar a *Internet*?
3. Que tipo de postagem você lê e compartilha?
4. Você já usou o Laboratório de Informática da escola? O que achou?

Análise dos dados do questionário:

Tabela 1-Sobre o acesso a Internet:

Acessa apenas em casa	Acessa apenas pelo celular	Acessa em casa e no trabalho	Acessa em casa e no celular	Acessa em casa e na casa de amigos	Não acessa
3	7	2	6	2	0

Fonte: FARIAS (2018)

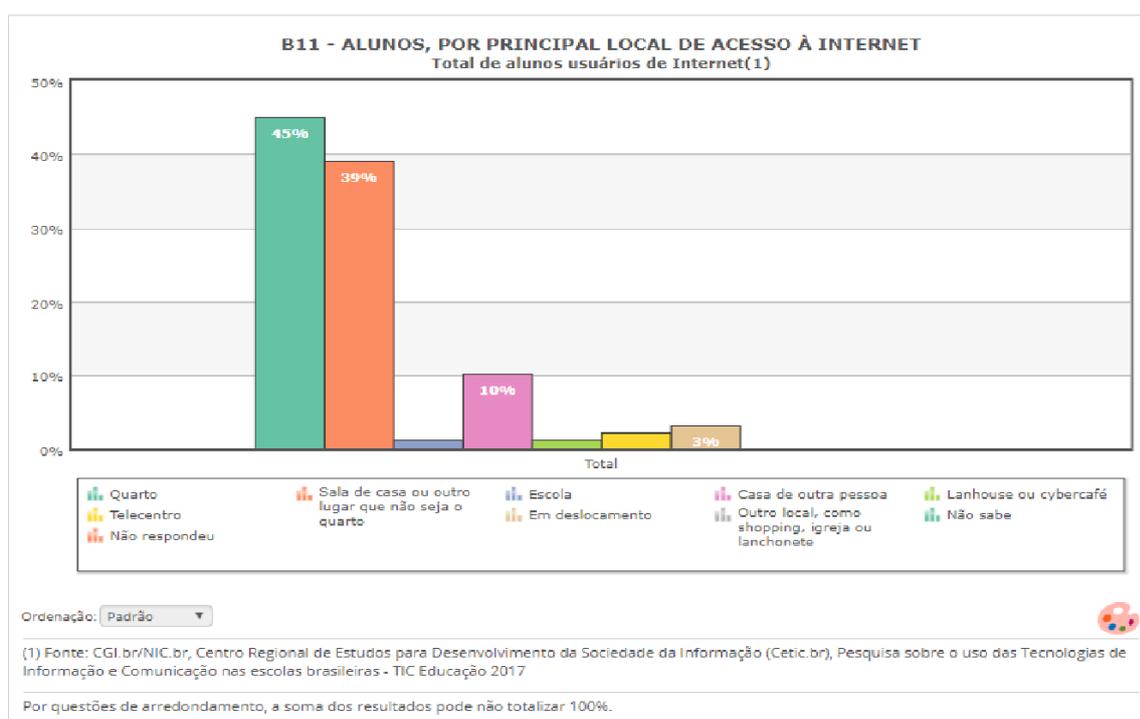
Todos os alunos declararam ter acesso à Internet e declaram ter acesso à rede, sendo que a maioria possui mais de um local de acesso. A partir dos dados percebe-se que o celular é a forma mais comum de acesso desse grupo. Chama a atenção também o número de pessoas que declaram ter acesso na casa de terceiros, além do próprio celular, demonstrando a existência de diferenciadas estratégias para conseguir acesso.

Importante também é notar que não foram citados nenhuma iniciativa pública ou privada de fornecimento de acesso, como tele-centros ou mesmo *lan houses*. Também

chama atenção o fato de nenhum aluno apontar o Laboratório de Informática da escola como local de acesso à internet.

Em comparação com os dados nacionais divulgados pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic) do ano de 2017, pode-se notar que esta característica é uma peculiaridade deste grupo, pois a nível nacional o acesso em *Lan houses*, Tele-centros e na escola são bastante frequentes (CI 2017).

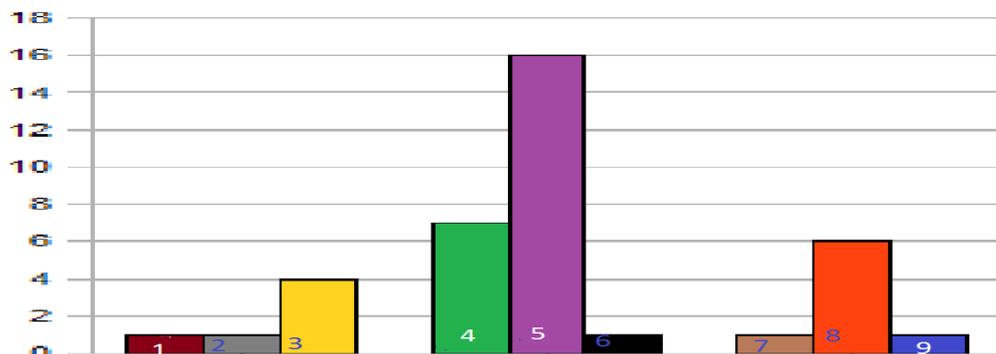
Tabela 2-Pesquisa Nacional sobre onde os alunos acessam a Internet



Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras. TIC Educação 2017.

As diferenças podem ser creditadas ao fato do público alvo desta pesquisa ser composto por um grande número de alunos adultos e trabalhadores. Estes por terem horário limitado não teriam como acessar as *Lan houses* ou Tele-centros. O fato de possuírem condições uma certa condição econômica, advinda do seu trabalho e o grande tempo que passam em deslocamento entre escola, trabalho e casa, também ajuda a entender por que os celulares são o mais citado meio de acesso a internet.

Gráfico 1- Finalidades do Uso de Internet



Fonte: FARIAS(2018)

Legenda:

1= Jogos	2= Grupos de compra e venda	3= Notícias	4= Pesquisas
5= Redes Sociais	6= Filmes/Séries	7 =Música	8= Vídeos
9= Aplicativos de transporte/ aplicativos de , compra de comida			

As respostas sobre a finalidade do uso da internet mostram que o maior interesse do grupo são as redes sociais, preferência de 80% do grupo. A fruição de vídeos, notícias e pesquisas também são citadas por razoável número de alunos.

Tabela 3-Sobre o conteúdo visualizado e compartilhado nas redes:

Não respondeu	0
Usa, porém não compartilha postagens	3

Não usa redes sociais	1
Notícias/política	4
Utilidade pública (empregos avisos sobre a comunidade)	1
Memes	9
Vídeos	4
Fotos pessoais	4
Receitas	4
Postagens religiosas	1
Fofoca de artistas	2
Frases motivacionais	1

Fonte: FARIAS(2018)

As atividades que a turma realiza na internet surpreendem pela pequena diversidade. Mesmo em um grupo tão dispare 18 pessoas, citaram as mesmas 5 atividades. A mais citada e significativa para esta pesquisa, são os *memes*. 9 alunos, ou 55% da mostra, declaram que visualizam e compartilham *memes*.

Pergunta 5: Uso do Laboratório de Informática da escola

As respostas dos alunos sobre o uso do laboratório de informática são bastante significativas. Apenas 6 alunos, ou seja 45% da amostra, declararam que já haviam usado o laboratório de informática da escola. Já no segundo semestre do ano letivo, 9 alunos, ou seja 55% da amostra, nunca haviam utilizado o laboratório de informática da escola.

Com este dado, podemos perceber, entre outras coisas, que as práticas pedagógicas que incluem o uso de tecnologias na escola ainda são pouco recorrentes, o que ajuda a explicar a dificuldade de levar a turma até o laboratório e iniciar o trabalho

neste local diferenciado. A alteração da rotina e pouco convívio dos alunos com utilização de computadores como ferramentas de estudo tornam as primeiras tentativas mais lentas e penosas. Em alguns casos é preciso, inclusive, esclarecer ao aluno que apesar de estarmos usando o computador, continuamos em aula e temos objetivos escolares para buscar.

Talvez por este motivo a escola não tenha sido lembrada por nenhum aluno na questão anterior, quando citados locais de acesso à Internet, mostrando assim a quão grande é a oportunidade que se desperdiça com o pouco aproveitamento de recursos tecnológicos existentes nas escolas.

Dos dez alunos que já usaram o laboratório da escola, 4 tecem críticas a este, sendo estas: a lentidão dos computadores, a falta de acesso à Internet no dia em que usou, a existência de equipamentos quebrados, a falta de equipamentos para todos fazendo com que as turmas tenham que se dividir ou mesmo se revezar na utilização, a falta de assessoria para realizar as operações e críticas ao sistema *Linux* utilizado nos computadores.

Apenas um aluno não respondeu a esta questão.

3.2 O uso de *memes* como ferramenta pedagógica na EJA da EMEF Victor Issler

Nos primeiros minutos a recepção dos alunos ao projeto “A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens” foi surpreendentemente fria. Foi difícil fazê-los acreditar que assuntos como Internet, redes sociais e *memes* fariam parte da aula.

O próximo desafio foi fazê-los entender que estes procedimentos tão pouco convencionais aos seus olhos, tinham ambiciosos objetivos pedagógicos. Apesar de demonstrarem constantemente sua inconformidade com as aulas de “quadro e giz”, baseadas nas cópias e nas decorebas para as provas, em suas cabeças este é o jeito certo de se dar aula. Diante de uma nova abordagem do conteúdo, alguns mostraram-se inicialmente preocupados, outros decepcionados, como se estivessem perdendo tempo com algo pouco importante.

Por se tratar de uma aula de artes, alguns amantes das artesanias também se ressentiram pela falta de trabalhos manuais. Foi necessário convencê-los que a autoria de

uma imagem pode ser feita através de uma máquina, mas mesmo compreendendo não demonstraram a mesma empolgação que tem ao pintar, desenhar ou modelar.

Interessante e positiva foi a atitude de alunos que jamais demonstraram qualquer interesse pela aula. Inicialmente, estavam visivelmente desconfiados. Muitas vezes percebia-se a troca de olhares e sorrisos velados entre eles. Em alguns momentos, parte do grupo, deixava claro por suas falas que em suas cabeças, tecnologia é uma coisa só para jovens. A estranheza destes aumentava quando as linguagens e os signos identitários de determinadas tribos eram apropriadas pelos mais velhos para a realização do trabalho. Passado o susto inicial, era visível a euforia crescente com que participavam da aula cedendo suas experiências e revelando os códigos e a linguagem que suas tribos usam nas redes.

Para estruturar e formalizar o material a ser exposto na aula, os *memes* escolhidos para ilustrar os conceitos discutidos foram tirados da série: “Como eu me sinto quando...” tratada em diversas páginas da internet. Desta forma o nexos causal do texto, grande dificuldade dos nossos alunos da EJA não precisou ser assunto de estudo, pois a estrutura básica de compreensão do nexos entre a imagem e o texto foi mantida constante.

Figura 3-Meme da Internet usado na aula



Fonte:https://www.google.com.br/urlsa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwixzOra4e_fAhVLIJAKHQ0tC4UQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2Fwww.pinterest.com
Acessado em 15/01/2018

Figura 4-Meme da Internet usado na aula



Fonte:https://www.google.com.br/urlsa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwj36dz34O_fAhUEgJAKHW6BCPEQjRx6BAgBEAU&url=http%3A%2F%2Fgeradormemes.com%2Fmeme%2Fnew4ev&psig=AOvVaw2V-E6hFTBygPxLNUHppgOd&ust=1547640674458448 Acessado em 19/01/2018

Figura 5- Meme da Internet usado para exemplificar a aula



Fonte: <http://www.statusimagens.com/listings/como-sinto-quando/> Acessado em 19/01/2019

Pensando a leitura da imagem e sua conexão com esta pequena frase, os alunos foram provocados a explicar o que entendiam ao ver o *meme* esclarecendo se se identificavam, se compartilhariam esta imagem.

A escolha desses *memes* também teve a intensão de mostrar a diversidade de temáticas que podem ser expressas através de um *meme* e a vasta gama de intensões que estes podem ter.

A primeira imagem foi escolhida por representar a forte tendência dos *memes* de tecer críticas as atitudes e aos costumes, não poupando nem mesmo os hábitos da atual sociedade digital.

A segunda imagem mostra-se mais introspectiva. Além da crítica aos costumes, no caso a dependência da Internet também dialoga com uma sensação comum para diversos grupos e aposta na identificação pessoal, no afeto, como forma de atrair e conquistar o observador.

A terceira imagem foi escolhida por remeter a uma temática discutida na atualidade e por mostrar que um *meme* pode expor sua forma de se posicionar a respeito de determinado assunto.

As imagens foram impressas e passadas aluno por aluno. Ao observá-las alguns riam, demonstrando ter entendido o nexos da piada, alguns apenas olhavam e alguns surpreendentemente passaram a ‘compartilhar’ fisicamente as imagens entre seus colegas mais próximos dizendo: “Olha esse aqui! A eu já passei por isso! Olha esse negão!”

Após a conversa que tomou aproximadamente 40 minutos da aula, os alunos em grupos de 5 planejaram *memes* que gostariam de criar, na próxima aula na internet. Foram provocados a pensar sobre a temática que gostariam de tratar (cotidiano, atualidades, crítica a costumes, pessoas, instituições, relações humanas ou sociedade no geral) e a qual público alvo se destinaria o *meme*, ou seja quem se identificaria com eles e os compartilharia.

Em sala de aula, nos minutos restantes os grupos pensaram em imagens fotográficas que poderiam virar *memes* e se divertiram muito fotografando diversas opções de imagens para *memes*. Alguns baixaram no celular aplicativos para escrever nas fotos e ali já surgiram as primeiras tentativas de produzir *memes*. Esta tarefa, que seria tema de próxima aula, acabou sendo resolvida com facilidade e rapidez pelo conhecimento de alguns alunos sobre o uso dos aplicativos dos celulares e pela empolgação que gerou nos alunos.

Na semana seguinte, os alunos experimentaram, muitos pela primeira vez, o laboratório de informática da escola. A aula iniciou com as explicações sobre a utilização do programa *MemeMaker*, porém poucos conseguiram aproveitar as explicações e dar sequência a ideia inicializada na aula anterior, pois a grande maioria demonstrava não ter noções básicas do uso de computador. Na verdade, dois deles declararam que poucas vezes haviam se aventurado no uso de computadores e que somente sabiam utilizar os celulares.

Sendo assim, as explicações básicas sobre como ligar, como acessar o provedor de internet e até mesmo sobre como e onde digitar tomaram grande parte da aula. Em pouco tempo os alunos que tinham algum conhecimento no uso de computadores compreenderam como utilizar o programa e criaram seus memes, porém mesmo estes não sabiam salvar os trabalhos na área de trabalho do PC, ou mesmo enviá-los por e-mail.

A aula acabou quando alguns dos alunos com o trabalho já pronto, por iniciativa própria, passaram a colaborar com os que não sabiam utilizar as funções básicas do computador enquanto a professora se dedicava a salvar um a um os *memes* dos grupos que já haviam acabado.

Para garantir a conclusão o projeto que já estava na sua 3 semana, além dos grupos se instituiu a monitoria, ou seja, alunos com conhecimentos mínimos na utilização dos computadores ficaram responsáveis por colaborar com os colegas nas tarefas básicas: ligar o computador, colocar a senha, entrar na internet, encontrar o site do Programa *MemeMacker* e posteriormente salvar os trabalhos prontos na área de trabalho do computador. Desta forma foi colocado em uso o conceito de ampliação do potencial de desenvolvimento dos participantes, Conforme proposto por Vygotsky em 2008.

A terceira aula mostrou que o hábito de utilização dos espaços da escola é bastante educativo, pois as combinações construídas na aula anterior sobre o uso do espaço foram todas respeitadas sem maiores problemas. Instituir as monitorias também se mostrou uma atitude bastante eficiente, pois os alunos ficaram mais à vontade para aprender com os colegas e, muitas vezes, estes, com a linguagem usual do grupo, conseguiram alcançar a compreensão do colega com muito mais facilidade do que o professor.

Ao final da aula foram produzidos 23 *memes* pelos 8 diferentes grupos que trabalharam nos 3 dias de projeto e um grupo de alunos trouxe interessantes sugestões para próximos trabalhos com o uso de informática. Demonstraram interesse em aprender

sobre fotografia e edição de imagens e também sobre vídeos, montagens e efeitos. Sugeriram um seminário onde todos os grupos pudessem compartilhar o que sabiam fazer.

3.3 Aprendizagem: a avaliação em uma aula de *memes*

Como foi dito anteriormente a aprendizagem se dá em todos os aspectos da vida e não apenas nos momentos formalmente elaborados para fomentá-la.

Portanto é válido pensar que foram muitas as aprendizagens desenvolvidas no decorrer do projeto “ A construção de *memes* e o senso crítico nas imagens” e várias delas significativas, visto que estas se derivam, não do professor, ou do conteúdo, ou mesmo da tecnologia usada como ferramenta, mas sim do pensar. Durante o projeto, os alunos tiveram a oportunidade de pensar sobre os estereótipos da “aula de verdade” que seria apenas aquela onde o professor escreve no quadro e o aluno copia, analisando se realmente acreditavam naquilo ou se apenas repetiam por ser a única opção que conheciam. Puderam pensar e até mesmo se posicionar criticamente sobre a utilização de outros espaços da escola, como o laboratório de informática. Aprendizagens significativas

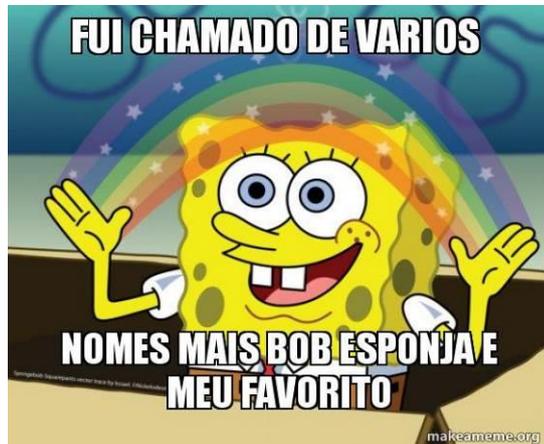
Porém para validação do projeto cabe analisar mais a fundo as possibilidades oferecidas e os indícios de aprendizagem que os materiais produzidos pelos alunos a pontam. Para isso, inicialmente é necessário esclarecer o que consideramos uma aprendizagem significativa.

Aprendizagens significativas, conforme Ausubel acontecem quando os conhecimentos anteriores do indivíduo conseguem se reorganizar a partir de uma ideia nova. Quando existir motivação suficiente o aluno irá reconfigurar sua ideia anterior, construindo a partir desta uma nova.(AUSUBEL *et al.*, 1980). Ou seja, a aprendizagem significativa advém de um pensar que altera as estruturas de conhecimento existentes, levando o indivíduo a um novo nível de conhecimento. As aprendizagens são construídas a partir das experiências vividas por cada um e por tanto as possibilidades de aprendizado de cada indivíduo são únicas, mesmo que a experiência vivenciada seja a mesma, cada um produzirá sua aprendizagem sobre ela e este será uma derivação dos conhecimentos que o indivíduo já possuía, ancorados a estes novos recém adquiridos.

Neste contexto, vamos analisar o trabalho produzido por três grupos de alunos:

- Grupo 1:

Figura 6 -Trabalho realizado pelo grupo 1



Fonte: FARIAS(2018)

O grupo é formado por 3 alunos, todos do sexo masculino, idades entre 17 e 22 anos, presentes a todas às aulas do projeto. Percebe-se que os alunos compreenderam como criar uma imagem com as características de um *meme*. Compreenderam a utilização do texto em consonância com a imagem, porém não compreenderam a relação da primeira e a segunda parte do texto com a imagem. A imagem teria de ter, nessa relação um poder de expressar com maiores detalhes o que foi dito na primeira parte do texto, e a segunda parte do texto conclui o pensamento. Este grupo porém, não conseguiu construir essa relação de forma eficiente, talvez por não ter em seus conhecimentos anteriores elementos que pudessem ancorar as novas aprendizagens que estavam recebendo. É o que nos diz Ausubel “O fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece.” (AUSUBEL, 1980). Neste caso, além da inter-relação entre texto e imagem, o aprendizado referente ao humor e o senso crítico na composição da imagem não fizeram sentido para este grupo. Não pode se dizer que para eles não houve aprendizado, ou que este não tenha sido significativo, porém as estruturas de conhecimento que tinham não deram lastro para ancorar os conteúdos que estávamos discutindo. Com isso o grupo evolução dentro dos seus próprios parâmetros.

- Grupo 2:

Figura 7: Trabalho realizado pelo grupo 2

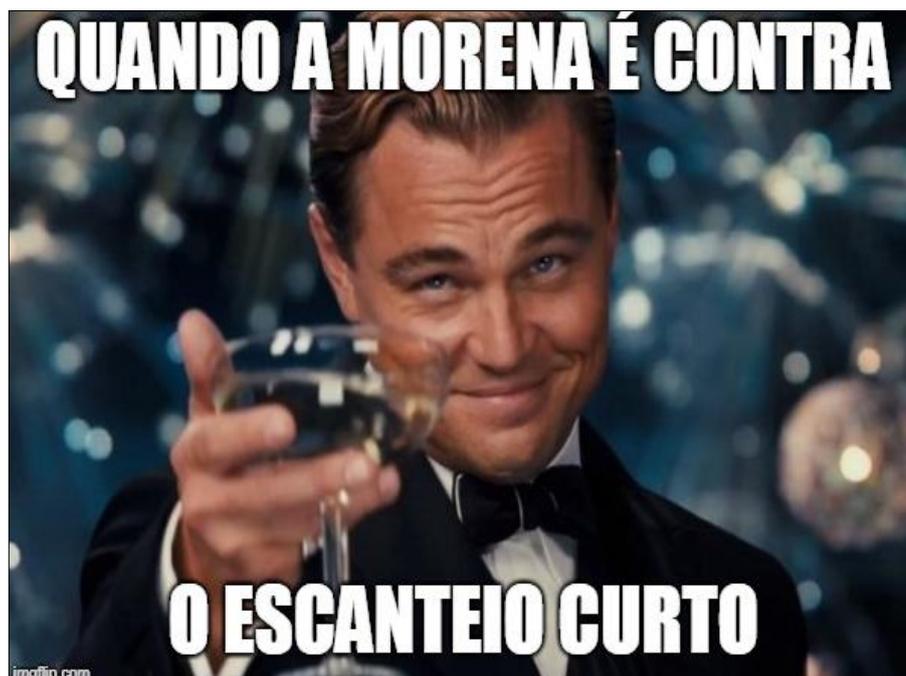


Fonte: FARIAS (2018)

O grupo é composto por 5 alunos, todos do sexo masculino, com idades entre 15 e 19 anos. A linguagem utilizada (a forma verbal “Eis” pouco usual no dia a dia de adolescentes da periferia), o uso de abreviaturas (vc no lugar da palavra você), nos indicam que estes rapazes convivem significativamente com os *memes* da internet. Neste caso é compreensível que tenham conseguido reproduzir com facilidade suas características no que tange a relação entre o texto e a imagem e até mesmo conseguido acrescentar seu toque humorístico. Porém é possível perceber que estas questões foram trazidas para o universo de significância destes jovens pela temática escolhida: a masculinidade e os relacionamentos. Desta forma, foi possível observar o quão significativo foi o apresentado para eles visto que eles conseguem transcrevê-lo a partir de suas próprias experiências.

- Grupo 3:

Figura 8: Trabalho realizado pelo grupo 3



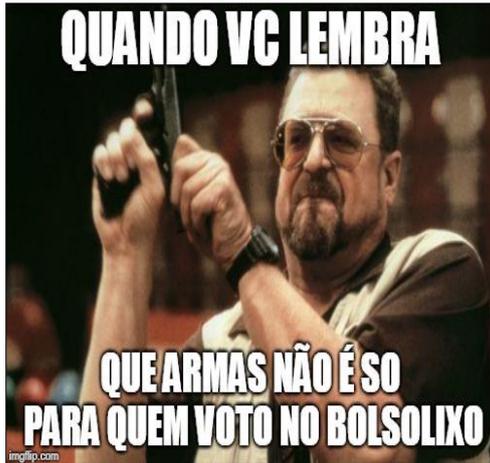
Fonte: FARIAS (2018)

O grupo 3 é formado por 4 alunos do sexo masculino com idades entre 25 e 34 anos. Este é um caso específico onde a cultura local ou cultura de um grupo cria um produto que não é acessível a todos os públicos. Recuero propôs uma taxonomia de classificação para *memes*, que entre várias categorias, define *memes* locais como: “, são *memes* que são propagados por pessoas que estão mais próximas e que interagem com mais frequência. *Memes* locais ficam prioritariamente restritas a poucos nós da rede, mas podem tornar-se globais no decorrer do tempo” (RECUERO, 2007 p.27).

Se essa imagem viesse a se tornar um *meme*, seria provavelmente por essa classificação um *meme* local. Quem não está inserido em seu meio de interações, tem dificuldade de compreender a colocação “escanteio curto”. Ficasse sem saber se se trata de uma expressão futebolística, ou uma gíria local. Mas a imagem e sua relação com o texto é eficiente ao mostrar que seus autores concordam com o “escanteio curto”, ou seja, os alunos foram capazes de demonstrar sua opinião, com ironia e bom humor, através da lógica de imagem texto de um *meme*.

- Grupos 4 e 5:

Figura 9- Trabalho realizado pelo grupo 4



Fonte: FARIAS(2018)

Figura 10- Trabalho realizado pelo grupo 5



Fonte: FARIAS (2018)

O grupo 4 é formado por 5 alunas todas do sexo feminino com idades entre 16 e 24 anos. Já o grupo 5 é formado por 4 alunas com idades entre 17 e 22 anos também do sexo feminino.

A coincidência da escolha da imagem para a criação de seus trabalhos pode se dever, entre outros aspectos, ao fato das alunas estarem usando o mesmo site de criação de *memes online* (<http://www.imagechef.com/ic/pt/meme-maker/index.jsp>), que oferece um limitado número de imagens. Porém a coincidência na temática abordada é um reflexo direto da época em que o trabalho foi produzido e demonstra como a produção deste tipo de imagem está fortemente ligada às questões da época. *Memes* podem “fotografar” a época em que foram produzidos e é o que ocorre nesse caso, onde o trabalho demonstra a tensão do período pré-eleição do governo Bolsonaro (2018).

Nesse trabalho, os dois grupos de alunas demonstraram sua capacidade de se expressar criticamente através deste tipo de imagem e mesmo que tenham produzido uma imagem que pela taxonomia de Recuero (2007) também seria um *meme* local, acrescentaram a esta um contexto histórico e uma carga de criticidade que ajuda a responder sobre as possibilidades do uso de *memes* como metodologia pedagógica.

As escolhas de todos os alunos nos levam a interessantes reflexões sobre como os alunos pensam a criação de determinada imagem. A pista para a disseminação de uma proposta de *memes* pode surgir dessas reflexões: o que toca os nossos alunos, com o que exatamente estes se identificam?

Os alunos do projeto foram desafiados a compartilhar suas imagens e ver se estas viravam *memes*.

3. Memes oportunidades e limites: a motivação e disciplina em sala de aula

Figura 11: Proposta de *meme* fotográfico realizada pela turma “Aula com Adriana(diretora da escola)/Aula sem Adriana



Fonte: FARIAS(2018)

Se há algo que um professor sabe é que qualquer mudança em sua metodologia pode resultar em uma catástrofe. Quando o alvo são crianças, podemos visualizar, nossos piores pesadelos se concretizando, com alunos correndo pela sala, pequena e apertada para qualquer tipo de movimentação, gritaria, brigas e no final sempre como prêmio alguém chorando. Quando falamos de adolescentes ou de turmas mistas com grande número de jovens adultos e adolescentes, as preocupações são outras, mas o medo é o mesmo: perder o controle do que acontece na sala de aula.

A indisciplina em aulas da EJA manifesta-se em forma de violência, muitas vezes física, contra colegas ou mesmo contra professores. Este ano, as brigas da EJA da EMEF Deputado Victor Issler agregaram a questão tecnológica, pois são filmadas pelos alunos que passam e revividas por semanas como um espetáculo das arenas greco-romanas. São comentadas, narradas e viram *memes*, em vídeos que viralizam em

segundos nos grupos de *Whatsapp*. Não por acaso está sempre é uma preocupação de quem planeja propostas pedagógicas diferenciadas.

Algumas reflexões sobre o trabalho com a temática dos *memes*: ao lidar com um assunto que apaixona a juventude, é possível perceber que em educação não há mesmo receita de bolo. Não se tem uma aula quieta falando de *memes*, mas também não se tem uma aula chata falando de *memes*. Não se tem o controle absoluto ao trazer a novidade para dentro da sala de aula, mas sem ela, muitas vezes já não se tem controle algum.

Considerações Finais

Este trabalho discorreu sobre a utilização de *memes* como ferramenta pedagógica, narrando o desenvolvimento de uma pesquisa-ação, realizada em uma aula de arte educação de uma turma de Ensino de Jovens e Adultos da Escola Victor Issler da periferia de Porto alegre.

Buscando responder sobre a relevância do tema tratado e suas implicações no campo educacional e social, o público alvo foi apresentado a partir de um histórico da Educação de Jovens e Adultos e também das contingências da falta de acesso a tecnologias pelos moradores das periferias.

O trabalho desenvolveu uma contextualização sobre Internet, redes sociais, *memes* e cibercultura, elucidando conceitos necessários ao entendimento dos temas a serem tratados pela pesquisa.

Em campo, com a aplicação da prática pedagógica que originou a pesquisa, foi possível perceber que é necessário que se desenvolvam práticas pedagógicas com participação de alunos e que venham ao encontro das necessidades da geração digital, levando em conta a cultura da comunidade no qual estes estão inseridos.

Assim como a Alfabetização que só é realmente relevante quando se aprende a ler e escrever com criticidade, a inserção na cultura digital perpassa a mesma questão, exigindo de seus sujeitos, mais do que a habilidade de dominar as máquinas e as ferramentas geradas por estas, mas também a capacidade de expressar através destas sua visão de mundo e fazer uma leitura crítica da cultura digital.

Para isso os professores precisam investir em inovações, que são paradigmáticas e não apenas uma inclusão de novidades, mas uma ação voltada a concepção de um projeto para o “aprender digital”.

As inovações pedagógicas prestam-se a excelentes alvos de investigação, uma vez que possibilitam a observação do fenômeno em curso. No caso da relação entre *Memes* e educação ainda é válido ressaltar o desafio, requer que o professor se inteire e conheça o universo do aluno — incluindo a utilização das tecnologias que possam ser feitas necessárias para a construção do *Meme* — não apenas para conectar o conhecimento dele com o escolar, mas também para expandir seu próprio repertório cultural e se aproximar de seu alunado.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro. 1980.

ANDRADE, Alessandra Michel Tavares. A construção do conhecimento histórico a partir da produção de “memes”. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**, Brasília, 2017. Disponível em http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502069126_ARQUIVO_ArtigoANP_UH.pdf Acessado em 24 de novembro de 2018.

ARAÚJO, Juliana Xavier de, **Memés: a linguagem da diversão da Internet análise dos aspectos simbólicos e sociais dos *Rage Comics***. Rio de Janeiro, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. DENTZIEN, Plínio. **Modernidade líquida [Liquid modernity]**. Rio de Janeiro : Zahar, 2001. 258.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000. Disponível em: Acesso em: 15/01/2019.

CGI. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2017**. CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 2018. Disponível em <http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU> Acessado em 16 de novembro de 2018

F

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações pedagógicas e a reconfiguração de saberes no ensinar e no aprender na universidade. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia**, Universidade de Coimbra, Portugal, 16 a 18 de setembro de 2004.

DAWKINS, RICHARD. **O Gene Egoísta**. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1978.

ESCALANTE, Pollyana Rodrigues Pessoa. **O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital**. Rio de Janeiro 2016: Disponível em <<http://www.ppgcom.uerj.br/wp-content/uploads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Pollyana-Escalante.pdf>> . Acessado em 24 de novembro de 2018.

FRIEDRICH, Márcia *et al* . Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 67, p. 389-410, June 2010.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 17ª ed. Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo: **A sombra desta mangueira**. Olho d'água. São Paulo, 2000.

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos**: ainda um desafio. 3. ed. São Paulo: CEDI, 1992.

IVEIRA, Marta Khol. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Arquivo *in*: **Revista Brasileira de Educação** Set/Out/Nov/Dez 1999 n.º 12. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa**: a teoria e textos complementares. 1. ed. São Paulo : Livraria da Física, c2012. 179.

MASSARUTO, Felipe; VALE, Lara e ALAIMO, Marcela. Educomunicação: o meme enquanto gênero textual a ser utilizado em sala de aula. **Revista Pandora Brasil** - Nº 83 - Junho 2017. Disponível em <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/letras_83/fillippo_lara_marcela.pdf> Acessado em 27/11/2018.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários a educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PESSONI, Arquimedes, Monica Pegurer CAPRINO, and Ana Sílvia Aparício MOÇO. "**Mídia e educação**: a necessidade do multiletramento." (2013). Disponível em <<http://dx.doi.org/10.13037/ci.vol14n26>. > Acessado em 17/11/2018

RECUERO, Raquel da Cunha, Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS** . Porto Alegre nº 32 abril de 2007.

SOUZA, Adriana Alves Novais; SCHNEIDER, Henrique Nou. Potencialidades do uso de sites de redes sociais no processo de ensino e aprendizagem. **International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)**, v. 3, n. 6, p. 181-196, 2014.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. **Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. **Novos estudos** - CEBRAP, São Paulo, n. 72,

p. 101-117, July 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200006Acessado em 23/11/2018.

TRIPP, David: Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALE, Lara e CRISTOVAM, Lidiane. **Educomunicação**: o meme enquanto gênero textual a ser utilizado na sala de aula. disponível em <http://www.sinprosp.org.br/conpe6/revendo/assets/-cc---94--educunicacao_-meme_-genero_-textuala.pdf.pdf> . Acessado em 24 de novembro de 2018.

VARGAS, Patrícia Guimarães; GOMES, Mária de Fátima Cardoso. Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos. Disponível em: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 449-463, abr./jun. 2013.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. MORAES, Maria Cecília Sousa. Um convite ao retorno: relevâncias no histórico da EJA no Brasil. Arquivo **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**. v. 12, n. 01, jan-mar (2017).

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.